

Quando o Presidente João Lourenço compareceu no Fórum Econômico Mundial (WEF) na cidade suíça de Davos, em janeiro passado, sugeriu que os ventos de mudança estavam a soprar em Angola. A sua mensagem aos investidores era clara: as perspectivas econômicas parecem desanimadoras, mas o péssimo registo de corrupção em Angola, a dependência excessiva do petróleo e a má gestão dos fundos públicos acabou e é ele quem conduz o navio.

Enquanto esteve em Davos, encontrou-se com as principais partes interessadas, incluindo Christine Lagarde - a diretora geral do Fundo Monetário Internacional (FMI); o primeiro ministro de Portugal, Antonio Costa; e Sergey Ivanov - o diretor executivo da mineradora de diamantes da Rússia, Alrosa. No entanto, não irá participar este ano. Os ventos pararam de soprar ou o navio foi sequestrado?

Os estranhos casos do Dr. Jekyll e Sr. Hyde

O ceticismo sobre o novo presidente e as suas políticas está a crescer. Africa Confidential escreveu este mês que "sua lua de mel estava a chegar ao fim à medida que o foco público se desloca para a economia". O professor de Economia, Justino Pinto de Andrade, da Universidade Católica de Angola, disse ao The Africa Report em setembro que duvida de que a cultura do patrocínio tenha mudado, já que Lourenço "se envolveu com as mesmas pessoas que dos Santos". Até mesmo Marcolino Moco, que Lourenço nomeou como diretor não executivo da estatal Sonangol, em setembro de 2018, também ganhou as manchetes quando, em entrevista à Jeune Afrique, em Paris, ameaçou renunciar-se se Lourenço não cumprisse suas promessas.

O posicionamento de Lourenço como um político de origens modestas e a determinação declarada de erradicar a corrupção nos níveis mais altos está a começar a decepcionar. As figuras-chave do antigo regime continuam a ser tão influentes como nunca, apesar do aparente expurgo, durante o qual Lourenço demitiu os filhos do ex-presidente, José Eduardo dos Santos, das suas funções na Sonangol e no fundo soberano FSDEA.

A maior preocupação até agora é a proteção pública por Lourenço de Manuel Vicente, que foi diretor executivo da Sonangol de 1999 a 2012, e vice-presidente de Angola até 2017. De fato, muitos suspeitavam que Vicente - não Lourenço - seria o sucessor de dos Santos. Mas um caso criminal em Portugal contra o primeiro deteve estas ambições. Pouco antes do WEF em

2018, Lourenço criticou o procurador-geral de Portugal por acusar Vicente de suspeita de suborno e lavagem de dinheiro e exigiu que ele fosse julgado em Angola.

Especificamente, Vicente é suspeito de subornar o promotor português Orlando Figueira no valor de € 763.500 para invalidar acusações de lavagem de dinheiro contra ele em 2011. Esta investigação foi referente à compra de uma propriedade de 4 milhões de euros no Estoril, Portugal, em 2007. Vicente sempre negou irregularidades. Um mês depois do WEF, Portugal concordou com as exigências de Angola. Figueira, entretanto, foi condenado a seis anos e oito meses de prisão em dezembro de 2018. Os promotores portugueses disseram em sua sentença que era 'evidente que Vicente [...] foi o proprietário da Portmill Limited e da Portmill Limitada', duas empresas no epicentro do caso e nas quais Vicente detinha participações. Segundo a imprensa portuguesa, o procurador geral de Angola disse que Vicente poderá responder às acusações cinco anos após o término de seu mandato, que será em 2022.

Embora Vicente já não esteja mais no governo, continua sendo um aliado bem próximo tanto de Carlos Saturnino, novo presidente da Sonangol, como de José de Lima Massano, presidente do Banco Central de Angola (BNA) - desde outubro de 2017, quando foi nomeado por dos Santos. E, conforme um artigo do Financial Times de setembro passado, Vicente continua a ser conselheiro de Lourenço. Além disto, outros membros do "triumvirato" - um termo comumente utilizado para descrever os três membros mais poderosos do regime de Santos fora da família presidencial que inclui Vicente, bem como o general Manuel Hélder Vieira Dias Júnior 'Kopelipa' e o general Leopoldino Fragoso do Nascimento 'Dino' - permaneceram em funções de poder.

Apesar da lei angolana proibir funcionários públicos de possuir interesses comerciais, os três admitiram ter ações da Cobalt International Energy - uma companhia petrolífera do Texas que entrou com um pedido de falência no Tribunal de Falências dos EUA em Houston em dezembro de 2017, após um acordo. No ano anterior, as concessões de venda à Sonangol caíram - segundo o Mail & Guardian em 2012. Segundo alegado, também tiveram um papel central na ruína do Banco Espírito Santo de Angola em 2014, uma subsidiária do Banco Espírito Santo em Portugal, mediante enormes dívidas que foram contraídas pela Portmill Investimentos e Telecomunicações. Mas uma série de outras investigações e publicações de meios de comunicação online respeitáveis também sugerem que detinham participações numa série de subsidiárias e empresas offshore ligadas à Sonangol.

Kopelipa, ex-chefe do gabinete de segurança do presidente e amplamente considerado um dos homens mais ricos do país, também é casado com Welwitschia 'Tchizé' dos Santos, outra das filhas do ex-presidente. No ano passado, as autoridades portuguesas confirmaram a

investigação de alegações contra ele referente à lavagem de dinheiro, especificamente relacionadas a transações realizadas entre 2006 e 2013 em contas offshore nas Ilhas Virgens Britânicas. Na época, Kopelipa era chefe do escritório nacional de reconstrução, GRN, encarregado de melhorar a infraestrutura. Muitos milhões de dólares norte-americanos foram gastos em projetos de construção brasileiros e chineses, e ainda assim, a rede de transportes de Angola continua abandonada em muitas partes do país. Semelhantes procedimentos ainda precisam ser confirmados em Angola, mesmo sendo Kopelipa e Dino removidos das suas funções no aparato de segurança por Lourenço.

Conexões francesas e ofertas de armas

Enquanto Lourenço assumia uma posição dura contra Portugal, as relações aqueceram-se com outra potência europeia: a França. A Total já anunciou uma série de novos investimentos no país, impulsionando o negociador suíço de commodities Trafigura, que até o ano passado detinha uma posição quase monopolista no país. Isto veio depois de Lourenço, em dezembro de 2017, criar um grupo de trabalho para rever o setor de petróleo e 'melhorar as condições atuais de investimento na indústria de petróleo e gás'. Em janeiro de 2018, a Sonangol solicitou novas concorrências, insinuando que o longo histórico da Trafigura, porém opaco, estava provavelmente terminando. Embora os detalhes dos contratos com a Total sejam escassos, provavelmente serão equivalentes aos da Trafigura, valendo US\$ 450 milhões em 2017.

Embora a Total esteja presente em Angola há muito tempo, a petrolífera francesa está a assumir agora um papel mais ativo no setor de extração no país, ressaltando sua decisão em maio de 2018 de lançar o grande empreendimento, Zínia 2 no Bloco 17, junto com várias outras grandes empresas petrolíferas, incluindo a anglo-holandesa BP e a ExxonMobil, com sede nos EUA.

Mas Angola também fez acordos com outras empresas ligadas à França. Uma delas é a Privinvest, sediada nos EAU, que em setembro de 2016 assinou um contrato com Angola no valor de 495 milhões de dólares para fornecer 17 barcos de patrulha e uma promessa de transferência de tecnologia que permitiria a construção de embarcações navais em Angola. Para isto, a Privinvest trabalharia com a Simportex - uma empresa estatal (SOE) que opera sob direção do Ministério da Defesa Angolano.

Um artigo da *Africa Confidential* observou em fevereiro de 2017 que o contrato tinha 'forte semelhança' com outro contrato que a Privinvest havia assinado com Moçambique alguns anos

Escrito por {ga=miguel-sanz-}
Quarta, 23 Janeiro 2019 22:48 -

antes. Este acordo esta a ser julgado atualmente em tribunais dos EUA depois de Jean Boustani, um executivo da Privinvest, juntamente com outros 12, terem sido presos e acusados de conspiração por cometer fraudes e lavagem de dinheiro em dezembro de 2018 e janeiro deste ano, respectivamente. Segundo alegado, foi em cooperação com altos ex-executivos do banco suíço Credit Suisse e do banco russo VTB, que também foram acusados, suspeitos de terem facilitado pagamentos indevidos a autoridades moçambicanas e ao país para assumir mais dívidas do que poderia administrar de forma realista.

Segundo alegado, Iskandar Sifa, fundador da Privinvest, esteve no centro do acordo moçambicano. O *Wall Street Journal* publicou em novembro de 2016 que o Credit Suisse se envolveu com contratos em 2012, quando o credor iniciou discussões com o empreiteiro de defesa Iskandar Sifa, que negociou um contrato para fornecer equipamento militar e de vigilância através da sua empresa Privinvest. Nos dois anos seguintes, o Credit Suisse, juntamente com a VTB e o banco francês BNP, captaram US\$ 2 bilhões em obrigações e empréstimos para empresas estatais moçambicanas, empréstimos que duplicaram mais do que a dívida garantida pelo governo de Moçambique, levando a uma série de descumprimentos. Aparentemente, 'os lucros dos negócios foram diretamente dos bancos para a Privinvest, em vez das empresas estatais que haviam emprestado o dinheiro', informou o WSJ.

As questões em torno do acordo angolano estão agora a começar a ganhar força. Em primeiro lugar, porque não existe um plano de negócios publicamente disponível, que possa descrever como o aparentemente grande número de barcos será ocupado pelos cerca de mil marinheiros angolanos - considerado um número baixo - e a inexperiência da marinha em construir navios. Em segundo lugar, o contrato foi assinado num momento em que as finanças de Angola são insuficientes - enquanto eram assinados sob dos Santos, Lourenço era ministro da defesa na época. Isto significa que ele provavelmente estava a par dos negócios estabelecidos por seu ministério, embora a extensão de seu envolvimento não seja clara.

Não obstante, a ordem da Privinvest substituiu outra que a Simportex havia assinado com a marinha brasileira para fornecer sete navios de patrulha da classe Macaé por US\$ 170 milhões. Vale notar que os navios de Macaé são construídos no Brasil, mas projetados pela Construction Mécanique de Normandie (CMN), subsidiária francesa do Privinvest Shipbuilding Group. A CMN era a mesma empresa que forneceria embarcações navais e construiria um estaleiro em Moçambique. Na época, a Simportex era gerenciada por um colaborador próximo de Kopelipa: Luís Manuel da Fonseca de Sotto Mayor Pizarro. Além disto, foi um dos muitos outros oficiais militares promovidos ao posto de brigadeiro em setembro de 2017.

Dinheiro novo entra, enquanto a dívida cresce

Enquanto isto, continua a entrar dinheiro e crédito, já que os primeiros anúncios e ações de Lourenço para marginalizar a família do ex-presidente provavelmente alimentaram o otimismo entre investidores internacionais. Durante os dois primeiros trimestres de 2018, Angola recebeu garantias de crédito no valor de US\$ 1 bilhões de bancos ocidentais, incluindo um empréstimo de US\$ 700 milhões do Credit Suisse. Em maio, o BNA captou mais de US\$ 2 bilhões em uma nota de Eurobond de duas parcelas com vencimentos em 10 e 30 anos. Os títulos foram assumidos, refletindo um forte otimismo quanto ao novo governo de Angola sob Lourenço. Em dezembro, o FMI finalmente aprovou uma linha de crédito ampliada de três anos, no valor de US\$ 3,7 bilhões - o financista de Washington desembolsaria US\$ 900 milhões - para apoiar o orçamento do governo e o programa de gastos maciços.

Isto fez aumentar o crescente montante de dívidas que Angola assumiu em 2018, muitas das quais serão eventualmente garantidas pelo governo e, como consequência, pelo contribuinte angolano. A agência de classificação de risco *Moody's Investors Service* confirmou esta preocupação quando rebaixou a classificação de investimento de B2 para B3, com perspectiva estável, em abril, alertando sobre o crescente endividamento do país, que, segundo a mesma, apresentava altos riscos de liquidez a médio prazo. O FMI também notou isto na sua revisão em dezembro de 2018, quando estimou a dívida em relação ao PIB de Angola em 90%; sendo um pouco mais de 62% do PIB um ano antes.

Outros indicadores macroeconómicos ressaltam as preocupações crescentes. A admissão de novas dívidas é principalmente um reperfilamento de obrigações vencidas, ao mesmo tempo que a queda nos preços médios do petróleo em 2014 prejudicou gravemente as reservas de dólares dos EUA, essenciais para as importações e manter a estabilidade do kwanza, que o BNA fez flutuar em janeiro de 2018. Além disto, o país luta para sair de uma recessão, embora os preços do petróleo tenham recuperado nos últimos dois anos. Ainda que o Banco Mundial projete que a economia angolana cresça 1,8% neste ano, será necessária muita disciplina em nome do Ministério das Finanças para manter os gastos sob controle, a fim de evitar que o déficit volte a crescer. Além disto, a Sonangol - a vaca leiteira do governo - tem perdido persistentemente as metas de receita desde 2014, enquanto continua a assumir novas dívidas, as quais tem dificuldade em pagar.

Hora de cálculo

Presidente João Lourenço: negócios, ofertas de armas e antigos fantasmas

Escrito por {ga=miguel-sanz-}
Quarta, 23 Janeiro 2019 22:48 -

Se Lourenço continuar a negociar com os mesmos indivíduos e empresas que foram implicados em tais intensas investigações de corrupção coloca grandes dúvidas sobre as suas verdadeiras intenções. Mais pessoas estão a começar a questionar se as primeiras investigações de corrupção contra dos Santos foram apenas para mostrar serviço, uma vez que ninguém ainda foi julgado, e muito menos condenado. Um projeto de lei de amnistia introduzido no ano passado, que permitiu a angolanos ricos repatriarem fundos públicos roubados sem correrem o risco de qualquer processo criminal, já expirou, mas não houve relatos de tais fundos terem sido repatriados durante a amnistia no ano passado.

O envolvimento de Angola com empresas que ajudaram na espiral da dívida de Moçambique, apesar de aumentarem bastante a dívida nos mercados de capitais, é preocupante, especialmente levando em conta as perspectivas econômicas cada vez mais sombrias para Angola. A economia continua muito dependente da China, que responde pela maior parte de suas exportações de petróleo como parte do pagamento de dívidas do país a Pequim. Enquanto isto, a economia global está a mostrar fortes sinais de desaceleração, com a demanda a cair na China. Além disto, a paralisação do governo dos EUA, agora recorde, desacelerará seriamente as previsões de crescimento para o país - alguns dizem que crescerá 0% este ano - indicando que os preços do petróleo não aumentarão numa projeção de um a dois anos. Isto terá repercussões na economia angolana e na sua incapacidade de gerar receita, esta poder ser a hora de substituir o seu conselheiro econômico, senhor presidente?